

# A construção de ambientes de informação e trabalho na recomposição das relações sociais e de produção

*Regina Celia P. de Moraes\**

## **A ideologia do fim do trabalho, da dependência às drogas, da promoção da exclusão e da marginalidade\***

Ao longo deste trabalho irei me referir ao Capitalismo no que diz respeito a sua construção ideológica (neo)liberal apoiada na Teoria Econômica Clássica, descrito e criticado em Polanyi (2000) e Wallerstein (2001). A partir deste enfoque, pode-se afirmar que o capitalismo é o criador da compreensão do trabalho-mercadoria, através de processo em desenvolvimento ao longo do tempo e que tem propiciado o crescimento de novas forças produtivas, com as correspondentes relações de produção, marcadas pelas contradições internas fundamentais desse modo de produção. Segundo Wallerstein (2001,p.37), “acumula-se capital para que se possa acumular mais capital”. Longe de ser um sistema “natural”, como alguns apologistas argumentam, o Capitalismo é um sistema histórico construído ao longo do tempo. Nesse processo, algumas pessoas vivem bem e outras vivem miseravelmente. Atualmente, a ideologia capitalista prega o fim do emprego, dentro de um quadro da precarização das relações de trabalho.

*“Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são substituídos pela flexibilização da produção, pela especialização*

---

\* Bacharel em Direito, Especialista em Informática, formada pela IBM. Professora do Departamento de Informática da PUC/RJ . Mestre em Ciência da Informação - MCT/IBICT - UFRJ/ECO. Doutoranda em Engenharia de Sistemas e Computação - COPPE/UFRJ. Pesquisadora do ISEP - Instituto Superior de Educação e Pesquisa

\*\*Agradeço a Rodrigo Loureiro Medeiros, do Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, pelas referências a Polanyi, Latour, Ezrahi e Wallerstein em todo o texto, bem como as contribuições críticas quanto à ideologia neoliberal..

*flexível, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado.....(...) Ensaíam-se modalidades de desconcentração industrial, buscam-se novos padrões de gestão da força de trabalho, dos quais os Círculos de Controle da Qualidade, a gestão participativa, a busca da qualidade total, são expressões visíveis não só no mundo japonês, mas em vários países de capitalismo avançado e do Terceiro Mundo industrializado. (...) Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumental necessário para adequar-se a sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção. Diminui-se ou mescla-se, dependendo da intensidade, o despotismo taylorista, pela participação dentro da ordem e do universo da empresa, pelo envolvimento manipulatório, próprio da sociabilidade moldada contemporaneamente pelo sistema produtor de mercadorias” (ANTUNES, 2000, p.24).*

A evolução das relações de produção capitalistas se fizeram com a exploração e exclusão de partes inteiras do lastro de experiências existenciais legitimadas pela tradição, não considerando a vida como totalidade, não avaliando os seus efeitos e desdobramentos dessa exclusão. Os problemas que vivemos hoje como humanidade não estão restritos unicamente aos pobres e aos menos favorecidos. Confrontamos atualmente uma crise de dimensões política, econômica e cultural que não escolhe porta para bater, ricos e pobres estamos todos hoje envolvidos. Há uma depressão geral entre jovens e adultos, uma ausência de perspectiva marcada pela falta de experiência conjunta. A realidade clama por que abracemos enquanto comunidade e sociedade uma causa comum, não por caridade, ou religiosidade, mas para que se perpetue a vida na Terra, com respeito à auto-sustentabilidade e à paz.

Keynes afirmava que é preciso substituir a perícia no trabalho pela perícia na vida.

O que é a perícia na vida? Como podem homens e mulheres ganhar reconhecimento moral e espiritual? As sociedades evoluem e as mudanças são inerentes à realidade social. Não obstante a existência isolada de uma e de outra, a sociedade escravagista deu lugar à sociedade feudal e esta à sociedade capitalista. As contradições coladas à sociedade capitalista são o prenúncio de que uma nova sociedade está sendo partejada. O ser social está em permanente construção e parto; quem julga que a sociedade capitalista é intocável, não deve esquecer-se de que a sociedade feudal era vista

como uma obra perfeita, o que não impediu que ela implodisse e que suas próprias pedras fossem usadas na nova construção. O Capitalismo foi erguido dos escombros do Feudalismo, logo é filho da Modernidade, fase histórica em que o homem se assume como produtor de sua história. .

Homens e mulheres vêm sendo entretecidos em meio e por meio de toda esta trama histórica e por sua vez entretecem também, em nossos dias, estes fios e ao final do processo, a rede, os fios, os humanos e a tecnologia são feitos do mesmo material todos eles: rede de relações entre humanos e não-humanos<sup>1</sup>, em construção, resultados de uma época, de um contexto. A realidade é modificada e revirada cotidianamente, fato que permite dizer que as coisas podem ser diferentes.

É através do lastro das relações econômicas e sociais, de crenças, costumes e leis, que cada época se singulariza através da fala e ações de homens e mulheres; é através da interação social, do debate, da troca, da experiência conjunta que homens e mulheres aprendem a ser indivíduos, destacando-se que “*a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto*”(BRAIT, 1997, pág. 31). *A vida é dialógica por natureza*(BAKHTIN, 1992, pág. 35,36).

Mary Parker Follet, cientista social dos anos 20 e que hoje está sendo chamada de *a Profetisa do Gerenciamento*, dizia “ não existe Estado senão através de mim”; é preciso construí-lo a cada hora pela atividade dos homens e mulheres de todos os tempos. É preciso aprender a escolher os governantes, nossos representantes no Congresso; é preciso aprender a exigir deles e de nós mesmos uma conduta ética. Parafraseando Pierre Lévy podemos falar em uma *Inteligência Coletiva* que precisa ser encorpada, experienciada de forma conjunta, para que no processo, homens e mulheres aprendamos a ser sujeitos de nossa história.

Nas relações de produção capitalistas a inteligência deste todo está rompida, aos retalhos e surge então uma pedagogia que espelha a lei do mais forte, o individualismo nas relações sociais. A cidadania desaparece como um privilégio de alguns. No entanto a democracia, como uma forma de existência (opondo-se à tirania) e de legitimação da organização social, requer a participação de todos, tornados iguais em direitos e obrigações.

As relações de produção capitalistas denegam a base racional do conceito tecnologia-aplicação da ciência, visando ao aumento do bem-

---

<sup>1</sup> Mais detalhes em Latour (1987).

estar, na medida em que promovem a concentração extrema da riqueza, a procura cega do lucro.

O pensamento capitalista influencia na forma como as pessoas interagem, influencia na educação, na economia, nas relações sociais; ele estende seus valores e crenças desde a organização das empresas, aos métodos e às relações de trabalho. POLANYI (2000, p.60) reflete sobre a expansão da ideologia liberal e a imersão das práticas econômicas e da Teoria Econômica Clássica na rede de relações sociais: *“todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio em cada articulação da vida industrial. Todas as rendas devem derivar da venda de alguma coisa e, qualquer que seja a verdadeira fonte de renda de uma pessoa, ela deve ser vista como resultante de uma venda”*. Desta forma, a mão-de-obra, a terra e o dinheiro são transformados em mercadoria.

Através das relações de produção capitalistas, tecidas pelo (neo)capitalismo, a grande maioria da humanidade vem colhendo frutos amargos neste final e início de século: de um lado os países desenvolvidos e do outro, separados por um fosso, os países subdesenvolvidos. Em meio a tudo isto, a marginalidade, a violência, a pobreza e uma expressiva parcela da juventude, sem horizontes. As estruturas de produção no Capitalismo não oferecem a 2/3 da humanidade, oportunidades de se realizarem como seres sociais.

No entanto, no seio destas relações sociais e de produção, novas relações podem surgir, possibilitando que em meio a esta rede de eventos, um novo humano seja entretecido. O toque do shofar<sup>2</sup> para os homens e mulheres de hoje é a percepção de que a realização da democracia exige luta, quer para instaurá-la, quer para mantê-la. Democracia como criação da própria vida, com cada homem e mulher exercendo a cada instante a sua parte, participando do vir-a-ser de um mundo em permanente construção. Não é um método que promete o paraíso, nem uma receita para a felicidade. Para alcançá-la é preciso luta; é preciso que haja uma inquietude geral com as formas políticas atuais; é preciso que homens e mulheres expressem-se em suas comunidades, associações, clubes, fóruns virtuais e presenciais. Através da interação, é possível a socialização das idéias, possibilitando aos homens e mulheres uma participação no pensamento integrado, na responsabilidade, na vontade que constrói a cada minuto o novo mundo. LÉVY (2000) fala em Inteligência Coletiva, na interpenetração do

---

<sup>2</sup> Palavra que em hebraico, significa trompa. É um instrumento de sopro que se toca no ano novo para despertar as pessoas para uma nova era.

on-line/off-line<sup>3</sup>, modelo onde a individualidade, “o que é fechado”, ou seja “o off-line”, se abre à interação, à transformação. A Inteligência Coletiva seria este “on line”, que guarda um sentido de experiência do grupo, de aprendizado cooperativo.

Hoje, as novas tecnologias de informação e comunicação nos falam de novas fronteiras geográficas, de um tempo sem tempo, que circula pela rede, pela Internet e que torna os cidadãos que têm acesso aos recursos, privilegiados e não neutros. No entanto, a noção de cidadania radica-se na compreensão de que somos parte de uma nação, não porque vivemos entre suas fronteiras geográficas, mas exatamente porque estamos ajudando a construí-la e porque através do tempo e trabalho, muitos homens e mulheres lutaram e morreram para que cada homem e mulher pudesse assumir a sua parte. Precisamos, em nossas comunidades, debater sobre o que deve ser feito, a direção a tomar.

Voltando às reflexões sobre as relações sociais e de produção capitalistas, vemos, não sem horror, que o mercado mundial, expressão mais elevada da produção capitalista, tem o tráfico de drogas como segundo item do comércio mundial, o que representa atualmente uma cifra anual superior a US\$ 500 bilhões. Segundo COGGIOLLA<sup>4</sup>, (...). *esta cifra supera os proventos do comércio internacional de petróleo; o narcotráfico é o segundo item do comércio mundial, só sendo superado pelo tráfico de armamento, e sua rentabilidade se aproxima dos 3.000% . A droga gera “dependência” em indivíduos, em grupos econômicos e nas economias de alguns países. É impossível repensar a questão da oferta e da demanda da droga dentro das relações de produção capitalista. A riqueza acaba por se transformar numa força incontrolável, oposta ao povo.*

Drogas, prisão, exclusão, marginalidade, perda de identidade, mutilação familiar, riqueza e pobreza, estão intimamente relacionadas ao estágio atual das relações de produção Capitalistas. Pode-se afirmar que, no capitalismo, há um grande investimento de tempo e trabalho na geração de riquezas através da venda de drogas e na sua globalização. Será este o espelho que queremos ter de relações sociais e de produção entre os povos? Será que enquanto cidadãos de um mundo conectado e nos locais onde vivemos é isto que queremos? Se a resposta for não, então, em nosso grupos afins, enquanto relação entre Estado e cidadãos teremos que buscar nos afirmar enquanto indivíduos de uma comunidade e co-construir uma nova história de ética, de luta e de solidariedade.

<sup>3</sup> On line significa o que está em rede e off line o que é individual, visto como fora da rede.

<sup>4</sup> Sítio visitado diversas vezes em 2000. Ver referências bibliográficas

No Rio de Janeiro, este revezamento global-local da droga se expressa através de estatísticas alarmantes, conforme pode-se depreender da pesquisa realizada no Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro, em 1999, pela Superintendência de Saúde da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos - SEDH<sup>5</sup> - que teve como objetivo conhecer o perfil bio-psico-social dos condenados do sexo masculino e feminino que ingressam no sistema penitenciário do Rio de Janeiro, para cumprir pena privativa da liberdade em regime fechado.

Do total de presos entrevistados, ou sejam 870 homens (Presídio Ary Franco) e 80 mulheres (Presídio Nelson Hungria), correspondem a 41% dos ingressos masculinos e 93% dos ingressos femininos.

Das Conclusões do estudo destaca-se (2000, p. 67) *“que há um forte predomínio de jovens, notadamente entre os 18 e 25 anos de idade (homens), envolvidos em atividades delituosas, principalmente as relacionadas com o tráfico de entorpecentes (47%) e ao roubo (32,3%) e mulheres na faixa que vai de 22 a 40 anos, cujos delitos são: o tráfico de drogas responsável (71,2%), seguido por roubo (11,3%).*

A maioria absoluta se constitui de brasileiros, naturais do Estado do Rio de Janeiro, residentes, principalmente no município do Rio. Há também um elevado percentual de internos residentes na Baixada Fluminense (33%), no caso das mulheres a incidência fica em 18%.

*O Estudo aponta que em ambos os sexos a maioria dos crimes está relacionada ao tráfico de entorpecentes. Em 1997 o tráfico respondia por 14,8% das sentenças condenatórias e situava-se em 3 lugar na frequência dos crimes cometidos. Hoje, no Rio de Janeiro constitui-se em principal infração”.*

Não existem caminhos prontos, nem fórmulas mágicas, mas a difusão tecnológica desvinculada da construção da informação pelas comunidades, e desvinculada de um processo de troca de experiência conjunta, pode levar ao florescimento exacerbado do individualismo, da apologia do individual desligado do social. É neste compasso que surge o homem não social.

A sociedade precisa de homens e mulheres que a partir da instrumentalização tecnológica possam desenvolver processos de inovação e

---

<sup>5</sup> Segundo o estudo, o trabalho de campo iniciou-se em setembro de 1999 no presídio Ary Franco (masculino) e em janeiro de 2000, no Presídio Nelson Hungria (feminino). Foram examinados os questionários preenchidos entre setembro de 1999 e junho de 2000 dos apenados do sexo masculino, e de janeiro a julho de 2000, das apenadas do sexo feminino. Neste período ingressaram no sistema pelo Presídio Ary Franco, 2095 apenados e foram entrevistados 870 internos, ou seja 41,52 do total. No Presídio Nelson Hungria ingressaram 86 mulheres no período referenciado, das quais 80 foram entrevistadas, perfazendo um total de 93,02 do ingresso feminino.

aprendizado, empregando o seu conhecimento, socializando-o, partilhando e compartilhando informações entre si e com a sociedade, conhecendo-se mutuamente, praticando a democracia. O papel dos agentes governamentais com seus instrumentos de políticas e suas responsabilidades não pode ser esquecido. No entanto, quando atualmente se fala em Estado, é preciso refletir nas mãos de quem ele se encontra e quais são as prioridades de suas ações?

Cabem hoje muitas perguntas: De que forma está se dando a nossa experiência conjunta, o nosso aprendizado? O que estamos ensinando aos nossos jovens? O que se pode esperar da situação social de reciprocidade<sup>6</sup> entre homens e mulheres, que têm o narcotráfico como segundo item do comércio mundial, superado apenas pelo tráfico de armamento? Que novos mitos estão sendo construídos?

### **A construção social de ambientes de informação e trabalho em comunidades de baixa renda**

Em artigo recentemente publicado<sup>7</sup> procurei definir o conceito de *Ambiente de Informação*, como “relacionado à socialização da informação, que com a incorporação de T.I.C.’s<sup>8</sup> sublinha a dinamização da troca de experiências, do compartilhamento de idéias, sublinha a construção da informação, por todos os atores de uma rede, e no caso de uma comunidade de excluídos, possibilita criar, atualizar e transformar o seu conhecimento, despertando em todos os Atores da rede suas potencialidades escondidas. (...) configurando desta forma o “Ambiente de Informação”, como uma variável complexa, um construto, que entrelaça variáveis, tais como construção de parcerias, criação de novas instituições, desempenho de habilidades de informática, desenvolvimento de competências, crescimento pessoal, resolução de problemas sociais, desenvolvimento comunitário, desenvolvimento profissional, desenvolvimento social, geração de ocupação, reconhecimento do nível de envolvimento da população com as drogas, valorização individual e comunitária.

Este conceito, no entanto, aqui se amplia, no sentido de incorporar uma utopia: a visão decorrente da idéia de a sociedade civil e do Estado

---

<sup>6</sup> Clivagem homem-mulher, ou seja, relação de gênero como resultado de uma etapa histórica, das idéias, das lutas, fruto das relações sociais e econômicas.

<sup>7</sup> Publicado em *O Sonho de Outlet: Aventura em Tecnologia da Informação e Comunicação* - páginas 163 a 189, organizado por Maria de Nazaré Freitas Pereira e Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. MCT/IBICT, 2000

<sup>8</sup> Tecnologias de Informação e Comunicação

assumirem o seu papel de empreendedores e, enquanto sob a dinâmica do capitalismo, viabilizarem novas relações sociais e de produção, nas quais os cidadãos, o Estado e as organizações, incluindo-se aí as comunidades em situação de exclusão, têm papéis e responsabilidades como Atores na socialização da informação, que, neste projeto, significa devolver ao trabalho a sua posição central, com a construção da informação a partir de uma linguagem de luta e transformação social; a troca de experiências e idéias; a vontade de ver longe do tráfico os jovens e suas crianças; o desejo de construir um horizonte mais digno para todos, com trabalho, educação e saúde sendo então indispensável uma dinâmica de atualização e desenvolvimento do conhecimento.

Luiz Razetto, filósofo chileno<sup>9</sup>, especialista em economia popular, considera que

*“O trabalho encontra-se em situação subordinada e periférica; encontra-se diante de uma organização social na qual predominam os interesses privados individuais e os interesses das burocracias do Estado, dentro de um esquema de relações baseadas na força e na luta, relegando para um plano totalmente secundário tanto os sujeitos quanto as relações de cooperação e de solidariedade” (...). Ao reduzir o trabalho a essa situação subalterna, o capitalismo impede que ele expresse sua riqueza de sentido e de conteúdos. Se o trabalho fica reduzido ao emprego, o ser humano que o realiza é apenas um empregado: um sujeito dependente, instrumental.*

A Economia Solidária é um processo multifacético, no qual as novas tecnologias de informação e comunicação podem desempenhar um papel estratégico, tecendo uma relação entre economia e solidariedade, na organização das unidades econômicas. No entanto, como reverter o atual processo? Como avançar na recomposição das relações sociais e de produção, na recuperação da riqueza do sentido do trabalho? De que forma pode o trabalhador adquirir conhecimentos acerca do como fazer as coisas, de modo a superar a exclusão, a pobreza? Como o ser humano pode ter o controle sobre suas condições de existência?

O que aqui afirmo é que pode-se usar as novas tecnologias de informação e de comunicação e o conhecimento acumulado pelos povos, a favor da humanidade, das comunidades pobres e alavancar uma economia com base na solidariedade, viabilizando um espaço livre para a experimen-

---

<sup>9</sup> Artigo publicado em fevereiro de 1998, na Revista Proposta n°75

tação organizacional, que combine o melhor atendimento do consumidor, com a auto-realização do produtor.

### **Tecnologias do trabalho e sociedade na recomposição da cidadania, do trabalho e de uma economia da solidariedade**

Chamo de Tecnologias do Trabalho e Sociedade um todo inconsútil, expresso no conjunto de dispositivos tecnológicos de processamento da informação e de conhecimento acumulado na construção de sociedades, em todos os tempos. O conceito passa pelo entendimento de que tecnologia e sociedade são partes inseparáveis de um TODO maior, ou seja a VIDA, como expressão sócio-cultural do conjunto do conhecimento dos povos, em todos os tempos.

As novas tecnologias de informação e de comunicação podem ser utilizadas a favor dos povos e, se houver vontade e participação, podem proporcionar uma nova natureza organizativa da produção, incorporando solidariedade nas etapas do sistema produtivo. O conhecimento dos povos aplicado no estágio atual das relações de produção capitalista é uma fração ínfima do conhecimento da humanidade, uma fração ínfima do conhecimento das épocas vindouras.

Ser cidadão é uma construção social, cuja dimensão revela a cultura, idéias, direção, decisões, escolhas. O potencial da sociedade, da comunidade, do grupo social materializa-se através do trabalho, que vai ao mesmo tempo, num efeito recursivo, criando novos potenciais.

O trabalho traz à tona a civilização, forja o ideal de homem e de mulher que queremos e pressupõe uma ontologia, ou seja um conjunto social vivo que desenvolve-se e se expressa através das relações que estabelece. Se hoje não estamos satisfeitos com a forma como o trabalho expressa nossas vocações, nossa inteligência, nossos sonhos enquanto indivíduos e comunidades, então teremos que lutar para mudar as relações sociais, econômicas e políticas que ontologicamente são a matriz do atual estágio das relações de produção.

No Capitalismo, o trabalho tem o sentido pleno de realização de alguns, enquanto a maioria do povo fica à margem e não conhece os processos tecnológicos nos quais estão envolvidos; nem todos os homens e mulheres têm acesso à educação, e como não têm condições de desenvolver seus próprios projetos criativos, acabam por vender sua força de trabalho como mercadoria.

Ao reduzir o trabalho à mercadoria<sup>10</sup>, o Capitalismo impede que ele expresse sua riqueza de sentido e de conteúdos. As relações de produção capitalistas pressupõem uma pedagogia dicotômica: de um lado, uma extensa formação tecnológica e especialização cada vez maior e descartável, que tem como resultado uma necessidade sôfrega de atualização permanente; e do outro homens e mulheres, que desconhecem os métodos e os processos tecnológicos nos quais participam, que não compreendem as relações e o significado de sua participação em todo o conjunto.

Nas relações de produção capitalistas, o trabalho é parcial, isto é, não se insere no centro do conjunto de necessidades da comunidade e da sociedade e torna-se aliado de sua capacidade de representar o ser social, em sua omnilateralidade. Reduzido em suas dimensões, o trabalho não enriquece a comunidade, e o ser humano que o realiza é empobrecido de suas capacidades de se organizar, gerir e de tomar decisões. No Capitalismo, o interesse no desenvolvimento do conteúdo cognitivo e tecnológico do trabalho é privilégio daqueles que ocupam cargos técnicos e administrativos nas organizações. Não é à toa que os europeus estão preocupados e empenhados em abrir a caixa de Pandora dos artefatos tecnocientíficos, exigindo maior transparência nos investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e maior participação das sociedades em tomar decisões<sup>11</sup> e evitar riscos. A transparência passa a ser exigida como princípio de democracia nos países centrais, isto é, os governos precisam prestar contas a cidadãos livres. Os estados devem justificar suas decisões perante a sociedade, de forma a mostrar que buscam o interesse público dentro da perspectiva da justificativa por indicadores (EZRAHI, 1990). Esta opção mostra-se capaz de combinar e equilibrar a economia de mercado e a atuação do Estado via mecanismos.

As Tecnologias do Trabalho e Sociedade aplicadas na construção de Ambientes de Informação e Trabalho em comunidades de baixa renda, visam introduzir solidariedade nas etapas do processo produtivo para uma economia de solidariedade e da partilha e buscam progressivamente recompor o trabalho na direção da emancipação humana. Tudo isto signifi-

---

<sup>10</sup> Polanyi (2000) descreve com bastante detalhes a transformação do trabalho em mercadoria. O interessante é que o processo não foi “uma tendência natural” como muitos gostam de acreditar, mas fruto de esforços e mobilização de recursos. Quem não se lembra da expressão “moínhos satânicos” e das pessoas sendo massacradas dentro das fábricas?

<sup>11</sup> O livro de Latour (1987) oferece uma vasta gama de argumentos no que tange a construção dos artefatos tecnocientíficos.

ca que não adianta levar novas tecnologias para comunidades, nem informática, se ao mesmo tempo não se educa, não se socializa o conhecimento; se não há planos próprios de desenvolvimento, nem possibilidades de auto-organização e autogestão; se a comunidade não se articula com outras comunidades e com a sociedade.

Cidadania é um conceito que guarda uma íntima relação com trabalho e aprendizado, com o desenvolvimento de potencialidades, com a transformação da realidade. Tecnologias do Trabalho e Sociedade aplicadas na construção progressiva de Ambientes de Informação e Trabalho em comunidades de baixa renda, possibilitam o lento redescobrimto do homem e da mulher que existe em cada um, a partir da solidariedade que cria vínculos de organização, de comunidade e de sociedade.

### **Desafios à economia solidária**

Os Ambientes de Informação e Trabalho em comunidades em situação de exclusão do bem estar social, devem ser concebidos como constituindo-se de comunidade de homens e mulheres, na qual o aumento de energia e recursos, pode ser promovido pela educação dos associados e suas famílias. Os indivíduos serão revitalizados, na medida do desenvolvimento das novas relações sociais e de produção.

Um desafio a ser encarado é o enfrentamento da competição em mercados dominados pelas relações capitalistas de produção. O objetivo é tecer um mercado solidário, pois os Ambientes de Informação e Trabalho não vão existir isolados. Deve-se buscar formas associativas na viabilização dos Ambientes de Informação e Trabalho em Comunidades de excluídos da cidadania, viabilizando sua integração nas etapas do sistema produtivo.

A questão de crédito e financiamento é fundamental na construção dos Ambientes de Informação e Trabalho e sua interconexão. Será necessário que recursos multilaterais se juntem aos recursos oficiais e o papel do Estado, como Ator nesta perspectiva, é tecer progressivamente a definição de novas Políticas públicas .

Estamos na realidade falando do desenvolvimento de relações sociais e de produção que partem de uma Economia da Solidariedade para chegar a uma Economia da Partilha, que deixa a caridade aos religiosos, e que destaca o destino compartilhado dos homens e mulheres, na solidariedade orgânica. O processo de desenvolvimento das novas relações sociais e de produção está colado a este modelo vivo de interconexão entre

Ambientes de Informação e Trabalho em comunidades de baixa renda e vai requerer etapas sucessivas, que levem a sociedade do simples ao complexo, na manifestação de forças do conjunto social.

Este desenvolvimento se dá em ciclos progressivos onde a participação de representantes da sociedade civil e do Estado, traz como resultado as mudanças quantitativas, que refletem, progressivamente a nova natureza organizativa, conectada, compartilhando, trocando, debatendo, aprendendo. Estes ciclos progressivos levam a uma mudança cultural e sublinham no contexto, que as mudanças quantitativas se transmutam, ao longo do processo interacional, em mudanças qualitativas.

O trabalho que é tecido na interconexão entre os Ambientes de Informação e Trabalho em comunidades de baixa renda e a sociedade, sublinha a construção social de mercados solidários .

Precisamos urgentemente viabilizar uma pedagogia que prepare o indivíduo para a vida, que lhe forneça as condições necessárias para a compreensão da solidariedade, do compartilhamento, da experiência conjunta, do respeito ao outro, do respeito às diferenças, da tolerância, do amor, da misericórdia, da compaixão.

Temos que enquanto sociedade revermos o quanto é perigoso apoiar a educação em valores nos quais o aprendido é independente da experiência conjunta, onde os indivíduos não aprendam a se ver como parcela de uma Inteligência Coletiva. O desenvolvimento da individualidade é fundamental, mas isto não pode ser feito estimulando-se o individualismo e a competição.

As novas relações sociais e de produção que surgem na interconexão e comunicação entre os Ambientes de Informação e Trabalho possibilitam a expressão de uma nova economia, com mercados solidários, e progressivamente serão a matriz da \*nova sociedade , do novo humano, com inclusão, amor e partilha.

## **Educação**

Ninguém pode nos dar a democracia, nem a cidadania. Elas são aprendidas no curso de nossas interações, de nossa participação e comunicação nos grupos de afinidades dos quais participamos, presenciais ou não, em confronto com os seus opostos.

Será que nossa geração não está sabendo lidar com o desenvolvimento tecnológico, tendo em vista a nova natureza organizativa que pode

ser propiciada com o emprego das novas tecnologias de informação e de comunicação?

DELORS (1999, p.82) destaca que *“um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu desenvolvimento. (...) É a coletividade em seu conjunto, que deve sentir-se responsável pela educação de seus membros, seja através de um diálogo constante com a instituição escolar, seja,.....tomando a seu cargo uma parte desta educação, num contexto de práticas não formais”* (DELORS, 1999, p.111,112).

Um destes Atores deve ser a Universidade, na salvaguarda do capital cultural em construção, liderando projetos que unam num tecido inconsútil educação, pedagogia, comunicação, informação, conhecimento, tecnologia, rede, e cidadania.

Paulo Freire trouxe o entendimento da existência de comunidade de informação, quando falava sobre a importância do contexto (conhecimento situado e com significado) na transferência da informação e produção do conhecimento em sala de aula.

Hoje, no início do século XXI, com a tecnologia destacando-se no cenário mundial de início de milênio, como um elemento fundamental para a compreensão de nossa experiência econômica, precisamos resgatar os pensadores do povo para reforçar-se a necessidade de uma relação sinérgica entre educação, economia e prática de democracia participativa, pois abrem-se formas criativas de socialização e novas expressões de identidade individual e coletiva. Juntos, cidadãos e Estado deverão encontrar as vias progressivas para aliar a experiência econômica à educação, à saúde e ao desenvolvimento social.

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, DELORS (1999, p. 67,68) discorre sobre as pistas e recomendações da comissão para a diversidade contemporânea, complexa e desafiadora, que sublinha que *“a socialização de cada indivíduo e o seu desenvolvimento pessoal não devem ser antagônicos. Destaca também que a educação não pode por si só resolver os problemas postos pela ruptura (onde for o caso) dos laços sociais. Espera-se, no entanto, que contribua para o desenvolvimento do querer viver juntos, elemento básico da coesão social e da identidade nacional”*.

O Relatório destaca também que *“cabe à educação mobilizar os próprios interessados no respeito a sua personalidade; fornecer às crianças e aos adultos as bases culturais que lhes permitam decifrar, na medida do possível, as mudanças em curso. O que supõe a capacidade de operar uma triagem na massa de informações, a fim de melhor interpretá-las, e de reconstituir os acontecimentos inseridos numa história de conjunto.*

Quanto à participação democrática, o Relatório sublinha que depende, de algum modo, das virtudes cívicas. Mas ela pode ser encorajada ou estimulada pela instrução e por práticas adaptadas à sociedade, dos meios de comunicação social e informação. Trata-se de fornecer referências e grades de leitura a fim de reforçar as capacidades de compreensão e discernimento”.

A Educação deve estar colada ao cotidiano da comunidade, inserida em seus contextos, deve levar em consideração nas propostas de ensino, o conhecimento tácito<sup>12</sup>. Segundo NONAKA & TAKEUSHI (1997, p. 79), quando há interação entre conhecimento explícito e conhecimento tácito, surge a inovação. É exatamente com este referencial que a Educação pode direcionar a experiência econômica da humanidade; combinando conhecimento tácito com o conhecimento explícito, pode-se tecer um modelo de comunicação e interação, cujas linhas metodológicas apresentam o todo inserido na parte e o local incluído no global.

Esta inovação está no âmago da informacionalização do trabalho, e conforme conceituado por MARQUES (1999) radica-se no entendimento de que há um aumento relativo de trabalho sobre a informação, em relação à quantidade de trabalho sobre a matéria. Por isso CASSIOLATO (1999) destaca que o desenvolvimento tecnológico desligado da capacitação de recursos humanos tem baixo rendimento, pois os produtos valorizados são os que apresentam elevado conteúdo informacional – intensivos em P&D.

Este modelo de conexão entre Ambientes de Informação e Trabalho e sociedade não surge porém, de uma forma natural, dentro das relações atuais do capitalismo. É preciso que surja em sociedade uma nova natureza organizativa entre o Estado e os cidadãos, com base em políticas de desenvolvimento tecnológico e de capacitação de recursos humanos. As comunidades locais podem usar a seu favor as tecnologias de informação e comunicação e informacionalizar sua economia, destacando em todo o processo, as interações sociais locais e globais, na construção da informação, que é localmente contextualizada e diretamente relacionada com a natureza sistêmica e interativa dos processos de inovação e aprendizado.

---

<sup>12</sup> O conhecimento tácito se define como a experiência acumulada, os valores, as crenças, as idéias, o jeito de fazer as coisas, a bagagem que o indivíduo tem e que faz com que ele operacionaliza as coisas desta ou daquela forma. O conhecimento explícito é de fácil transmissão, é o que está codificado, externalizado. Já no conhecimento tácito, aprende-se vendo o outro fazer, por imitação. Para opeceracionalizar-se as questões de uma nova forma é preciso que haja a combinação entre os dois tipos conhecimentos, explícito e tácito.

O modelo de informação-comunicação aqui delineado, radica-se num espaço virtual<sup>13</sup>, criado na interação social entre indivíduos e Estado e dinamizado na conexão entre computadores, onde a comunidade local pode participar do que MARQUES (op.cit) conceitua como informacionalização da economia.

É possível às comunidades em situação de exclusão do bem estar social, construir a informação, de forma participativa, ampliarem suas experiências, idéias, conectando-se a diversas entidades, inovando em relação a sua inserção no mercado, construindo uma solução particular a um problema, compartilhando entre si e com outras organizações, instituições, comunidades e utilizando o conhecimento combinado na informacionalização do trabalho local. As instituições de ensino superior, como salvaguarda do capital intelectual, terão aí um papel estratégico, como viabilizadores deste processo, criando cultura e abrindo espaço para construção teórica e definição de ações.

É neste sentido que a conexão entre Ambientes de Informação e Trabalho possibilita a difusão do conhecimento, socialização e transferência da informação e por isto representa uma pedra angular na Sociedade atual, que tem na informacionalização da economia seu ponto zero e as organizações que não estiverem instrumentalizadas com o acesso às novas tecnologias e capacitadas a nível de conhecimento não poderão participar da emergente sociedade da informação. Se é verdade que há uma Inteligência Coletiva, a exclusão destas partes será fatal para vida na Terra.

Entendimento é participação e este se faz no seio do processo. É preciso lutar para não estar excluído do bem estar, da cidadania; por outro lado é preciso ser solidário e participar do processo de inclusão do outro. Os homens e mulheres interagindo em suas comunidades, descobrem, na prática democrática, que não se deve eleger especialistas em seu lugar, transferindo a outrem a responsabilidade de entenderem isto ou aquilo por ele. Quando isto acontece, transfere-se também a vontade e o poder de lutar pela vida. É no calor do debate que nos tornamos especialistas e aprendemos um novo conhecimento. Não se deve optar por ficar de fora do processo.

As instituições de ensino superior precisam se posicionar diante deste quadro: ou preparam o profissional individualista, para SOBREVIVER numa economia capitalista, ou o preparam para VIVER em socieda-

---

<sup>13</sup> Parafrazeando Pierre Lévy (1996, p. 145), o termo refere-se ao espaço do Pensamento, onde circulam a linguagem, os problemas, as idéias, os objetivos, as forças, as alternativas de solução, as tendências, as coerções, os valores, as crenças.

de e ser sujeito da história, que não é só sua e para tanto precisa ser tecida de forma conjunta, compartilhada.

A comunicação em rede pode ser utilizada nas novas relações sociais e de produção. A nova natureza organizativa com Ambientes de Informação e Trabalho em comunidades de baixa renda, propicia a informacionalização da economia, com o alongamento da cadeia produtiva, interligando em rede distintas comunidades, grupos afins, abrindo possibilidades para que se evidencie uma inteligência cooperativa entre organizações,

No entanto tudo isto passa pela progressiva compreensão dos processos de inovação e aprendizado, e passa por um progressivo amadurecimento social. Passa pela Educação, por uma pedagogia da vida que forme o homem e a mulher com uma noção de que tecnologia e sociedade são operadores mútuos de uma complexa expressão social. No entanto a experiência tem mostrado que a própria universidade arrastada pelas relações de produção capitalistas, inocula no indivíduo, sem distinção de sexo, uma visão cartesiana e positivista, onde tecnologia (objeto) e sociedade (sujeito) estão separadas e mais, a universidade vem dando ênfase à especialização tecnológica em detrimento do amadurecimento social do aluno.

Não é de espantar que o aluno não enxergue além das trilhas dos computadores; aqueles que vêm das Ciências Exatas ou de Computação mantêm seus olhares tão somente nos algoritmos, inteiramente desligados das práticas sociais e quando falam em “Empreendedorismo”<sup>14</sup> o vêem de uma forma mutilada, individualista. O social para eles é sinônimo de favela, lixo e pobreza e neste compasso não enxergam o quanto suas vidas estão conectadas ao que eles não vêem. É preciso superar este programa excessivamente fechado, rígido, que prevalece nesta Disciplina, na maioria das universidades.

Nas outras Áreas do saber, a experiência não é diferente. Os alunos não conseguem enxergar o quanto suas vidas está sendo mudada pelas tecnologias de informação e comunicação e muitas vezes mesmo se afastam do contato com a tecnologia, considerando que deste modo poderão fazer adormecer o Leviatã.

---

<sup>14</sup> Disciplina que lida com a criatividade do aluno e que, através de métodos e técnicas leva a conceber empresas de serviços ou produtos, objetivando uma inserção potente no atual estágio das relações de produção capitalistas. Não há na Disciplina um corpo teórico que leve a um debate sobre as implicações do atual estágio de desenvolvimento tecnológico e como decorrência, não se cria no aluno o gosto por desenvolver serviços e produtos voltados às necessidades sociais mais amplas. E neste compasso a universidade, de uma maneira geral, não ajuda a desenvolver uma cultura do que poderíamos chamar de Empreendedorismo Social.

“O que leva o indivíduo a conhecer? A entender? A perceber? O que o leva à gnose, à aprendizagem? Paulo Freire (1997, p.18) fala, com muita propriedade, em ciclo gnosiológico, retratando no ciclo do conhecimento um fenômeno, a partir do qual o indivíduo enxerga o que antes não via. Na interação social, ele constrói a informação, num conhecer progressivo em direção a um novo pensamento” (MORAES, 1999, p 31).

A informacionalização do trabalho conforme conceituado por MARQUES (1999), radica-se na concepção de inclusão, de progresso social. A difusão do conhecimento e socialização e transferência da informação a que nos referimos ancoram-se no acesso a novas tecnologias e podem realizar, através de uma cidadania moderna, a vocação ontológica do ser humano para ser sujeito e não objeto e “tal enfoque significa necessariamente uma superação do falso dilema humanismo-tecnologia”<sup>15</sup>.

Tecer as novas relações de produção em meio às relações de produção capitalistas será uma arte que deverá colocar em cheque o Estado, universidades, professores, pesquisadores, sindicatos, ong´s, comunidades de excluídos do bem estar social, enfim a sociedade como um todo, com a participação de cada cidadão, no redimensionamento social do acesso à informação, às novas tecnologias de informação e de comunicação, na geração do trabalho que enriquece os contextos, e que devolve ao humano a dignidade que estava aprisionada no código de barras do trabalho-mercadoria.

O Estado tem um papel fundamental neste processo. O Terceiro Setor, como mostra MEDEIROS (2000), não substitui o Estado. Entretanto, em um regime democrático, o Estado deve prestar contas e ser transparente para os seus cidadãos. Enquanto os agentes nacionais se recusarem a investir e formular políticas sérias na área de educação (infra-estrutura e capacitação dos professores), o Brasil continuará exportando empregos qualificados e ficará restrito à parte de menor valor agregado na divisão internacional do trabalho. Desta forma, o País ficará sob a pressão de uma crise social de dimensões difíceis de serem previstas. Para que possamos reverter as previsões mais pessimistas, é necessário que sejam formadas redes de solidariedade apoiadas nos Ambientes de Informação e Trabalho. Essas redes devem contemplar diversos setores da sociedade: universidade (professores, pesquisadores e alunos); empresas (privadas e estatais); sindicatos; ong´s; e o Estado como o formulador de políticas

---

<sup>15</sup> FREIRE, P. 1998, p.62

públicas, que no decorrer do processo e pela participação e luta de homens e mulheres, mudará a sua composição.

## Bibliografia

- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Editora Ars Poética, 1996. 190 p.
- ANTUNES, R. ADEUS AO TRABALHO? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho, São Paulo: Ed. Cortez, 7 ed, 2000, 200 p.
- BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E. Information Science and the Phenomeno of Information. *Journal of the American Society for Information Science - JASIS*, v.27, n.4, p.197-204, july/august 1976.
- BARBOSA, Marinho Junior, Inaldo. *Socialização da Informação , ensino fundamental e informática educativa : uma proposta para a transferência da educação no ambiente escolar*. Orientadora : Heloísa Tardin Christovão. Rio de Janeiro : ECO/UFRJ - IBICT/CNPq, 1996. 73p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).
- BRAGA, Gilda Maria. *Informação, Ciência da Informação : breves reflexões em três tempos*. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n. 1, p. 84-88, jan./abr. 1995.
- BRAGA, G. e CHRISTOVÃO, H. T. *Socialização da Informação : desenvolvimento de metodologias para sua efetivação. Estudo aplicado às áreas da Informação e da Saúde*. Rio de Janeiro, julho 1994. 19 p. (Projeto Integrado de pesquisa, CNPq 523272/94-4 (NV)).
- BRAGA, G., CHRISTOVÃO, H. T. *Socialização da Informação : desenvolvimento de metodologias para sua efetivação. Estudo aplicado às áreas da Informação e da Saúde. Relatório de Atividades; solicitação de renovação*. Março, 1995 a julho, 1996. 28 p. ( Projeto Integrado de pesquisa, CNPq 522943/96-9 (NV)).
- BRAIT, Beth. BAKHTIN, Dialogismo e Construção do Sentido. São Paulo: Editora Unicamp , 1997, 385p.
- CASTELLS, Manoel, *A Sociedade em Rede*, volume 1, São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 3ª Edição, 2000, 617 p.
- CASSIOLATO, José Eduardo, *A Economia do conhecimento e as Novas Políticas Industriais e Tecnológicas*, In : *Informação e globalização na Era do Conhecimento*, de Lastres e Albagli, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999, 318p.
- COGGIOLLA, Oswaldo. Professor doutor do Departamento de História da Universidade de São Paulo. *O Comércio de Drogas Hoje*. In: *O Olho da História, revista de História Contemporânea*, n° 4. Home-page: <http://www.ufba.br/~revistao/04coggio.html>
- DELUIZ, Neise. *Globalização Econômica e os Desafios à Formação Profissional*. Boletim técnico do senac, vol 22, n° 2, maio/agosto 1996.
- DE MASI, Domênico, *O Futuro do trabalho*, Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1999, 354p.

- DOWBOR, Ladislau, *A Reprodução Social*, Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1998.  
home-page: <http://ppbr.com/Id>
- EZRAHI, Yaron. *The Descent of Icarus - science and transformation of contemporary democracy*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1990. 354p.
- FOLLETT, M. P.: PROFETA DO GERENCIAMENTO. Uma celebração dos Escritos dos Anos 20 / organizado por Pauline Grahah. Rio de Janeiro, RJ : Qualitymark. 1997. 321 p.
- FOLLETT, M. P.: *The New State – Group Organization The Solution of Popular Government*. New York : Longmans Green & Co. 1920. 280 p.
- FREIRE, Paulo. *EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE*. 22. ed. São Paulo : Paz e Terra. 1996. 158 p.
- FREIRE, Paulo *MEDO E OUSADIA Cotidiano do Professor*. 7. ed. São Paulo : Paz e Terra. 1997. 223 p.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 22. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1998. 79 p.
- FREIRE, Paulo, BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. 8. ed. São Paulo : Editora\_Ática, 1994. 95 p. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho.
- DRUCKER Peter Foundation. *A Comunidade do Futuro: idéias para uma nova comunidade/ [editores Hesselbein, Frances et al]*. São Paulo : Editora Futura, 1998. 274 p.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor. *Temas Básicos de Sociologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. 205 p.
- KLING, Rob, ROSENBAUM, Howard, HERT, Carol. *Social Informatics in Information Science: an introduction*. *Journal of the American Society for Information Science - JASIS*, out. 1998.
- KARAMUFTUOGLU, Murat. *Colaborative Information Retrieval: Toward a Social informatics View of a IR Interaction*. *Journal of the American Society for Information Science - JASIS*, out. 1998.
- LATOUR, Bruno. *Science in action*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1987.
- LÉVY, Pierre. *O Que é Virtual?* São Paulo : Editora 34, 1996. 157 p.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva*. São Paulo : Editora Loyola, 1998. 212 p.
- LÉVY, Pierre. *A Máquina Universo*. Rio Grande do Sul : Editora ArTmed, 1998. 173 p.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo : Editora 34, 2000, 260 p.
- LIEVROUW, A. Leah. *Information Resources and Democracy: Understanding the Paradox*. *Journal of the American Society for Information Science - JASIS*. Out. 1998.
- MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998. 98 p (coleção Humanitas).
- MEDEIROS, Rodrigo Loureiro. *Educação e tecnologia – acomodações a uma economia de mercado*. *Comunicação & política*. Rio de Janeiro: CEBELA, v.VII, n.3, p.207-218, set/dez, 2000.
- MIKHAILOV, A. I. *Information Science and an Informed Society: ASIS Bulletin* : v.10, n.1. p.14-17. October 1983.

- MORAES, Regina. Reengenharia do Espírito - Estilos de administração empresarial para a nova era. Rio de Janeiro, RJ: Record / NovaEra, 1996. . 230 p.
- 
- Construto Ambiente de Informação: Um estudo em comunidade de baixa renda. Orientadora: Gilda Maria Braga, PhD. , Rio de Janeiro; MCT/IBICT - UFRJ/ECO; 1999. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciência da Informação). 110p.
- 
- Construto “ambiente de informação” em comunidade de excluídos: um estudo na interface da Ciência da Infiormação. In: O Sonho de Otlet: Aventura em Tecnologia da Informação e Comunicação, organizado por Maria de Nazareth Freitas Pereira e Lena Vania Ribeiro Pinheiro - p.163-189 - MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia - IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência em Tecnologia - Rio de Janeiro/Brasília - 2000, 291p
- MORETTO, Vasco Pedro. Construtivismo a produção do conhecimento em aula. Rio de Janeiro: DP&A Editora , 1999. 124 p.
- NASR AL-DIN, Khawajah, século 14, História de Nasrudin / Mulla Nasrudin; tradução de Mônica Udler Cromberg, Henrique Culderman, Rio de Janeiro, Rj: Dervish, 1994, 174 p.
- NONAKA e TAKEUSHI. Criação de Conhecimento na Empresa. Rio de Janeiro : Campus, 1997. 358 p.
- PAIVA, Raquel. O Espírito Comum comunidade, mídia e globalismo. São Paulo : Editora Vozes, 1998. 205 p.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. EDGARD MORIN A Educação e a Complexidade do ser e do Saber. 2. ed. Rio de Janeiro : Editora Vozes, 1998. 115 p.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação*. as origens da nossa época. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 349p.
- POLITZER: Princípios Fundamentais de Filosofia/organizado por Guy Besse e Maurice Caveing. São Paulo : Editora Hemus. 396 p.
- SANTOS, Souza, Boaventura. Um Discurso Sobre As Ciências. 9. ed. Portugal, Porto : Edições Afrontamento, 1997. 58 p.
- VARELA, Francisco. CONHECER As Ciências Cognitivas Tendências e Perspectivas. Portugal, Lisboa : Instituto Piaget. Epigênese e Desenvolvimento. 100 p.
- WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo histórico & civilização capitalista. Rio de Janeiro:Contraponto, 2001.144p.